120 anos da abolição da escravatura: honrando a nossa história

"Libertar não só significa tirar gênio de garrafa, entregar-lhe ao campo. Libertar não só significa tirar preso de cadeia entregar-lhe ao mundo. Libertar é trabalhar mente e corpo, nutrir o moço, calçar seus pés, ensinar-lhe o caminho e desse jeito finalmente ele (a) pode andar sozinho (a)".

Rita Mota (1991)

Esses versos, as histórias que ouvíamos das nossas famílias negras, as experiências que muitos de nós adquirimos na luta contra o racismo, com o movimento negro, bem como a herança pela oralidade das religiões de matriz africana, leva-nos a refletir e a concluir que a liberdade não ocorreu.

Falar sobre os 120 anos da abolição para a comunidade negra é falar de uma ação incompleta, de uma inclusão lenta e que só vem ocorrendo por uma luta incansável do povo negro desde que aqui chegaram em combate travado cotidianamente e sem tréguas.

Ao longo de todas essas décadas várias ações foram praticadas para enfraquecer, desqualificar, empobrecer, manter em cárcere, negar educação e saúde de qualidade, a exclusão das universidades, a manutenção do subemprego, a pobreza e a feminilização da comunidade negra. Tudo isso aliado à prisão e morte dos homens negros. Como principal conseqüência, temos uma maioria negra perambulando pelas ruas, nos semáforos e no trabalho infantil. Perguntamos: - Esta pátria é mãe gentil?

Não para o povo preto, que, apesar de não participar de forma justa e igualitária na divisão da riqueza do país o constrói todos os dias. As posturas da maioria detentora do poder e do dinheiro negavam-se e ainda negam-se a aceitar a nossa contribuição e, sobretudo retribuí-la. A possibilidade de reverter esse quadro era e é possível. Imbuídos desse objetivo, chegamos até aqui cada vez, mas fortes, honrando a luta de Zumbi, Dandara, Lélia Gonzáles, professor Milton Santos e tantos outros e outras.

A luta é por uma tomada de consciência de cada cidadão(a) negro(a), para protagonizar uma estória pessoal de sucesso corroborando para um resultado feliz para toda a sociedade.

A comunidade negra, por intermédio de inúmeras organizações, incorporou na pauta dos governos as suas reivindicações e em muitos momentos essas mesmas organizações assumiram junto ao seu povo sofrido e explorado a função dos governantes, transformando a educação informal, repassando seus saberes e fazeres na tradição oral e tantas outras iniciativas de busca pela inclusão, realizando no seio da comunidade a mudança almejada. Essa resistência tem feito a diferença tornando paulatinamente a Pátria verdadeiramente Mãe Gentil.

O povo negro, de auto-estima reconstruída, tem acreditado no seu potencial e vislumbrando um futuro melhor para as futuras gerações. Muito ainda há de ser feito> As relações raciais no Brasil terá uma nova face, a qual já se pode ver o esboço. O racismo não será mais velado, já observamos isso hoje. É verídico e constante pelas falas e práticas que a ascensão dos afro-descendente, arduamente conquistada, incomoda e continuará incomodando.

Há na atualidade a necessidade do exercício de ações afirmativas no cotidiano da comunidade negra, onde cada preto e cada preta sinta-se protagonista, partilhando conhecimento, sendo solidário(a), irmanados(as). Esta é a ordem!

A Representação Regional da Bahia da Fundação Cultural Palmares tem primado em suas ações por esse modelo plural, respeitando as diferenças, ampliando o conceito de cultura, nossa real missão, promovendo entre mulheres, crianças e jovens o sentido de pertença real e incondicional a esta comunidade a qual preservamos, resgatamos, fortalecemos, tornamos visíveis há quase vinte anos, conjuntamente com todos aqueles e aquelas que se posicionam contra o racismo o sexismo e qualquer outro tipo de preconceito.

Nosso povo continuará na busca por ascensão social, da formação e da informação, Acreditando no seu irmão negro e na sua irmã negra, somos todos aliados e não adversários. A luta é contra o racismo!

Esse pensamento não deve ser concebido como uma utopia, pois são reais e urgentes mudanças de atitudes, do rompimento com antigas práticas, que nos divide, nos enfraquece e, por conseguinte acaba por nos vencer. Se não temos um jeito negro de ser e de fazer vamos descobrir, mas não retrocederemos não perderemos o que já conquistamos. Construiremos uma base realmente democrática utilizando todos os recursos éticos, legais, políticos e, sobretudo, culturais para a inclusão de fato e de direito.

A busca pela liberdade cantada nos versos acima é possível e começa por mim, começa por você. Cada membro da comunidade negra é responsável na construção cotidiana da nova história dos próximos 120 anos.

Axé!

Luciana Mota
Representação Regional da Bahia
Fundação Cultural Palmares/MinC